

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

SEXUALIDADE E GÊNERO NAS ATAS DO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA (2013-2019)¹

SEXUALITY AND GENDER IN THE MINUTES OF THE NATIONAL EDUCATIONAL RESEARCH MEETING: A LITERATURE REVIEW (2013-2019)

Tainá Griep Maronn², Neusete Machado Rigo³

¹ Projeto de Pesquisa de Mestrado desenvolvida na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Cerro Largo.

² Licenciada em Ciências Biológicas e Mestranda em Ensino de Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências (PPGEC) pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Cerro Largo, RS. E-mail: taina.maronn7@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora do Mestrado em Ensino de Ciências (PPGEC) da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo, RS. E-mail: neusete.rigo@uffs.edu.br.

Resumo

As temáticas gênero e sexualidade estão cada vez mais presentes nos estudos que pensam o currículo escolar sob uma perspectiva contemporânea. Ainda que se constituam de modo articulado, é importante compreendermos o conceito gênero como uma categoria analítica que rompe com a ideia de essência biológica do masculino e feminino reconhecendo-a como construções sociais permeadas por relações de poder. Já, a sexualidade está relacionada com as experiências que os sujeitos evidenciam a partir de seus prazeres, afetos e desejos sexuais. Diante disso, essa pesquisa bibliográfica tem por objetivo analisar como a temática gênero e sexualidade relacionada ao Ensino de Ciências (EC) é apresentada nos trabalhos do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) nas últimas quatro edições de 2013 a 2019. Para a análise dos trabalhos foram utilizadas duas categorias como emergentes: feminilidade e masculinidade relacionada ao gênero, e heterossexualidade e homossexualidade relacionada à sexualidade. Percebeu-se que houve uma predominância dos trabalhos relacionados à feminilidade e masculinidade (18:29), em relação à categoria heterossexualidade e homossexualidade (11:29). É possível depreender que houve um aumento nos trabalhos, sendo que no ano de 2019 foi encontrado o maior número de trabalhos relacionados ao foco dessa pesquisa. Muitos trabalhos discutiram a discriminação e a invisibilidade das mulheres, já outros, abordaram que essas problemáticas vêm se modificando com o passar dos anos. Isso é relevante, pois demonstra que as concepções sobre gênero e sexualidade estão se modificando ao longo do tempo. O aumento significativo dos trabalhos demonstra que os currículos escolares estão incluindo essas temáticas para a produção de um currículo aberto às diferenças.

Abstract

The themes of gender and sexuality are increasingly present in studies that think the school curriculum from a contemporary perspective. Although they are constituted in an articulated way, it is important to understand the concept of gender as an analytical category that breaks with the idea of the biological essence of male and female recognizing it as social constructions permeated by power relations. Sexuality, on the other hand, is related to the experiences that the subjects show from their sexual pleasures, affections and desires. Therefore, this bibliographic research aims to analyze how the theme of gender and sexuality related to Science Teaching (EC) is presented in the works from the National Research Meeting in Science Education (ENPEC) in the last four editions from 2013 to 2019. For the analysis of the works, two categories were used as emerging: femininity and masculinity related to gender, and heterosexuality and homosexuality related to sexuality. It was

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

noticed that there was a predominance of works related to femininity and masculinity (18:29), in relation to the category heterosexuality and homosexuality (11:29). It is possible to infer that there was an increase in the work, with the largest number of works found in 2019 related to our research focus. Many studies have discussed discrimination and invisibility of women, while others have addressed these issues as they have changed over the years. This is relevant, as it demonstrates that conceptions about gender and sexuality are changing over time. The significant increase in work shows that school curricula are including these themes for the production of a curriculum open to differences.

Palavras-chave: Feminilidade; Masculinidade; Heterossexualidade; Homossexualidade; Ensino de Ciências.

Keywords: Femininity; Masculinity; Heterosexuality; Homosexuality; Science teaching.

1 INTRODUÇÃO

O corpo humano, além de se constituir como conteúdo específico do Ensino de Ciências, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é também considerado como um “tema transversal” concebido em diferentes eixos temáticos (BRASIL, 1998b). Esse referencial curricular, embora seja atualmente substituído pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos deixou um legado importante em relação aos processos de ensino e as temáticas sexualidade e gênero. Assim, mesmo que a atual BNCC não as enfatize, sabemos da importância destas estarem incluídas nos currículos escolares. Este estudo se propõe a refletir sobre elas a partir do eixo temático “Orientação Sexual” (PCN), que apresenta o corpo como matriz da sexualidade, considerando a compreensão do indivíduo acerca do seu próprio corpo na interação com o mundo.

O propósito de preconizar a Orientação Sexual está relacionado à maneira como essa pode auxiliar no desenvolvimento dos alunos para a vivência de sua sexualidade, considerando-a como um conjunto de relações de afeto e de prazer que exigem autonomia e responsabilidade. Essa temática é relevante para o desenvolvimento da cidadania, a partir do momento que se passa a abordar o respeito por si e pelo outro, assim como se pretende alcançar elementos imprescindíveis para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades (BRASIL, 1998).

Além disso, a abordagem da temática Orientação Sexual leva em consideração a sexualidade individual, e conectada à vida afetiva, social e à saúde do sujeito, desde muito cedo. Desde os PCN, esta temática abrange o “propósito social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes” (BRASIL, 1998, p. 73).

Já, na (BNCC), identificamos um deslocamento dessas temáticas, o qual desconsidera seu caráter transversal para localizar-se nos anos finais do ensino fundamental, porém sob a ótica biológica:

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira (BRASIL, 2017b, p.325).

Nesse sentido, esse estudo está considerando uma crítica a esse retrocesso nas diretrizes curriculares e se propõe a investigar como essas temáticas estão sendo tratadas no Ensino de Ciências (EC). Na tentativa de contribuir com o fortalecimento dos estudos e discussões sobre essas temáticas, partimos do pressuposto que, embora gênero e sexualidade sejam consideradas circunstâncias que estão profundamente articuladas, é relevante realizar uma diferenciação das mesmas. Assim sendo,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

algumas pesquisas (HEIDARI, et al, 2017; OKA; LAU-RENTI, 2018) alertam para as formas que têm relacionado o tema gênero principalmente às diferenças fundamentadas no sexo. Louro (2000) também problematiza essa visão determinista biológica, e por isso, discute as identidades de gênero compreendidas como variadas maneiras de viver a masculinidade e a feminilidade. Nesse sentido, Scott (1995) contribui para compreendermos gênero como uma categoria analítica que pode ser utilizada

[...] para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo gênero torna-se uma forma de indicar “construções culturais” a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p.75).

Na mesma direção, a sexualidade está relacionada à maneira como os sujeitos evidenciam seus prazeres, afetos e desejos sexuais. Assim sendo, as identidades sexuais são constituídas por princípios biológicos, sociais, e subjetivos, que os sujeitos delimitam e colocam em execução na realização de seus jogos sexuais.

Com relação ao campo teórico dos estudos feministas, gênero e sexualidade são reconhecidos como constructos sociais, culturais, históricos (LOURO, 2000) e não possuem a pretensão de negar que se constituem com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não se nega a biologia, mas:

Numa posição que busca se afastar, aparentemente, da perspectiva determinista e essencialista, admite-se que as formas de viver a sexualidade são influenciadas pelo meio cultural. Afirma-se que os sujeitos aprendem, no interior da cultura, determinados comportamentos e atitudes que, naquele ambiente, são considerados adequados para expressar seus impulsos e desejos sexuais (LOURO, 2000, p. 65).

Os estudos de Foucault (1998) também contribuíram para compreendermos como o sexo passou de uma época em que ele não era segredo e tampouco impedido, para ser objeto de um poder/saber que tinha como propósito obter um controle sobre a população. Para Foucault, a concepção de sexualidade foi produzida historicamente e discursivamente. Foi por meio do dispositivo de sexualidade que ele fez referência a poderes e saberes que constituem a sexualidade dos sujeitos. Os dispositivos, de acordo com esse autor, articulam-se em torno de relações de poder, em que são autenticados certos tipos de saber que passam a ser considerados como verdades. Assim, seus estudos sobre sexo e sexualidade, desenvolvidos a partir do século XVII, contribuem para compreendermos o conjunto de verdades que foram formatando um pensamento acerca da sexualidade, e que hoje, são objetos de muitas pesquisas, inclusive para essa.

Para tanto, a presente pesquisa bibliográfica apresenta como objetivo analisar e refletir as discussões que estudos relacionados ao EC estão apresentados sobre a temática sexualidade e gênero nas edições de 2013 a 2019 do ENPEC.

2 METODOLOGIA

Neste trabalho foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo bibliográfica (LÜDKE; ANDRÉ, 2001), sendo desenvolvida uma revisão da literatura a partir dos trabalhos presentes nas atas das quatro últimas edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), disponíveis eletronicamente na página da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciência (ABRAPEC).

Para a busca dos trabalhos foram utilizados como descritores as palavras “sexualidade” e “gênero”, delimitando como período os eventos realizados nos anos de 2013, 2015, 2017 e 2019, sendo que

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

os encontros são bianuais. No total foram encontrados 75 trabalhos relacionados à sexualidade e gênero.

Devido ao número expressivo de trabalhos, optou-se por realizar a leitura dos resumos dos trabalhos para selecionar aqueles que estavam relacionados ao currículo de EC, pois muitos trabalhos tinham relação ao gênero literário de língua portuguesa. Diante disso, após a leitura dos resumos foram selecionados 29 trabalhos, que abordavam sexualidade e gênero relacionados ao nosso foco de pesquisa. Os trabalhos foram identificados sucessivamente como T1, T2, T3...T29.

Definido o corpus analítico representado pelo conjunto de trabalhos relacionados à sexualidade e gênero no EC, a análise foi realizada a partir de três etapas. Essas etapas são as seguintes: (1) pré-análise; (2) exploração do material e o tratamento dos resultados; e (3) resultados e a interpretação dos dados (LÜDKE; ANDRÉ, 2001).

Primeiramente foi realizada a leitura dos resumos dos trabalhos com a finalidade de selecionar os trabalhos que apresentavam a temática sexualidade e gênero, e na sequência, a leitura na íntegra dos trabalhos, e ainda demarcamos os trechos e enfoques relevantes para pesquisa, e por último delimitamos as categorias realizando a contextualização e a interpretação dos resultados. Nessa última etapa, foram definidas categorias emergentes, sendo consideradas as seguintes: *feminilidade e masculinidade relacionada ao gênero, e heterossexualidade e homossexualidade relacionada à sexualidade*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total foram analisados 29 trabalhos que apresentavam as temáticas gênero e sexualidade relacionadas ao EC. Durante a análise dos trabalhos percebeu-se que com o passar dos anos, houve um aumento significativo dos trabalhos relacionados ao foco de nossa pesquisa (Quadro 1). Sendo que foram encontrados 3 trabalhos no ano de 2013, 5 trabalhos em 2015, 9 trabalhos em 2017, e 12 trabalhos no ano de 2019. Foi possível perceber que no ano de 2019 concentrou o maior número de trabalhos relacionados à sexualidade e gênero nos currículos Do EC.

Quadro 1- Classificação dos trabalhos acerca das categorias.

CATEGORIAS	ENPEC 2013	ENPEC 2015	ENPEC 2017	ENPEC 2019	Total de trabalhos por categoria
Masculinidade e Feminilidade	1	4	7	6	18
Heterossexualidade e Homossexualidade	2	1	2	6	11
Total de trabalhos por ano	3	5	9	12	29

Fonte: Autoras, 2020.

Com relação às categorias é possível afirmar que a categoria masculinidade e feminilidade, relacionada ao gênero, prevaleceu no levantamento dos dados, sendo encontrados 18 trabalhos entre os 29 analisados. Cabe ressaltar que esse quantitativo representou mais da metade dos trabalhos.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

Já, com relação à categoria heterossexualidade e homossexualidade foram encontrados 11 dos 29 trabalhos, sendo que no ano de 2019 obteve-se o maior número de trabalhos acerca dessa categoria.

Feminilidade e Masculinidade: Uma Relação Desigual

Para discutir as relações de gênero - o feminino e o masculino - é preciso compreender que as definições que se deram sobre estes foram constituídas, historicamente, por profundas relações de poder que elegeram o masculino como hegemônico. Segundo Soares (2015), a feminilidade pode ser definida, dentro das variações de tempo e espaço, a partir de algumas características heteronormativas, tais como: “fragilidade, emoção, beleza, ‘verborragia’ ‘sem conteúdo’, dependência social, emocional e física” (p. 242).

Ainda, segundo essa autora, o feminino está relacionado à exclusividade da mulher na sociedade, relacionando-a ao seu papel de esposa e mãe. Os discursos que situaram a mulher, ao longo da história, segundo um papel social, provêm também da ‘natureza’ feminina do seu corpo, quanto à sua condição de procriação e “à sua capacidade de atrair, seduzir e cuidar do outro” (SOARES, 2017, p. 243). Já, a masculinidade, conforme Soares (2017), está relacionada com o poder, “é um instrumento de poder, quando não de superioridade em relação a feminilidade” (p. 428).

Diferentes práticas sociais acabam ocasionando diversas formas de feminilidades e masculinidades produzindo distinção entre elas. Essas diferenciações atribuem significados sobre a feminilidade e a masculinidade que determinam o feminino e o masculino a partir de certas características, que, por exemplo, abordam a mulher como mais sensível, e o homem como racional, e também com relação a determinados modos de pensar, determinadas práticas e certos saberes (DIAS, 2014).

Considerando que a categoria feminilidade e masculinidade (18:29) prevaleceu nos trabalhos analisados, vimos que estes demonstram a invisibilidade feminina e também questões discriminatórias acerca das mulheres. Isso ficou perceptível no T3, de 2013, que apresentava como propósito analisar os saberes docentes acerca da visibilidade feminina, demonstrado pela seguinte declaração: “[...] há carência de conhecimentos a respeito da produção científica feminina ao longo da História da Ciência na formação das/dos participantes” (T3, 2013, p. 6).

Conforme Louro “[...] a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito, inclusive como sujeito da Ciência” (2008, p.20), presente ainda nos dias de hoje devido à naturalização de papéis de gênero.

No ano de 2015, foram encontrados 4 trabalhos relacionados a essa categoria. Em um dos trabalhos que analisou a temática gênero nos livros paradidáticos, a invisibilidade feminina pode ser citada como exemplo no seguinte trecho: “o corpo feminino recebe a ênfase nos órgãos sexuais reprodutivos, com foco na fisiologia e na anatomia para inscrever o lugar “naturalmente” inferior das mulheres na sociedade, justificando sua permanência no espaço privado” (T5, 2015, p.7). Segundo Rohden (2001) a medicina do sexo evidenciava especialmente o corpo feminino relacionado a sua “vocação” para a reprodução, uma vez que além de abordar os órgãos reprodutivos interessava-se em tratar da ciência verídica da feminilidade e a distinção de homens e mulheres. Entretanto, essa percepção deve ser debatida e discutida, para desconstruir essas concepções que a cultura abarca com relação à masculinidade e à feminilidade.

Além disso, dois trabalhos do ano de 2015 (T6, T7) abordavam sobre os estereótipos de gênero e invisibilidade feminina em pesquisas realizadas com professores de Ciências. Em T6 que foi realizado um questionário aos professores sobre a invisibilidade feminina ficou perceptível que: “havia invisibilidade e/ou discriminação de mulheres no passado, e por vezes, afirmam que hoje essa invisibilidade e/ou discriminação não ocorre no processo de construção do conhecimento científico ou na Ciência” (p.7). Assim os/as professores/as evidenciam que essa percepção da

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

invisibilidade feminina se alterou, e as mulheres evoluíram. Porém, essa percepção ainda não foi superada, pois ainda nos dias atuais ocorre um sistema de oposição e autoridade. O distanciamento social e político das mulheres foi historicamente dirigido e ocasionou em uma invisibilidade do sujeito (LOURO, 2003).

No trabalho T7, que também está relacionado a uma pesquisa com professores de Ciências, em que foi formulada a seguinte pergunta para os mesmos: *“Você identifica diferença de desempenho escolar entre meninos e meninas nos conteúdos que leciona? Comente a respeito dos elementos que embasam a identificação”* (T7, 2015, p. 4). A partir das respostas dos docentes ficou perceptível *“que houve pluralidade de entendimento com relação ao termo “de-sempenho”, às vezes bom comportamento ou boa atitude, e caracterizado como adequado para as meninas”* (T7, 2015, p. 6). Ou seja, aos meninos o mau comportamento não seria problema, evidenciando a necessidade de serem desnaturalizadas as percepções estereotipadas de gênero.

Diante disso, é possível perceber que

[...] a mulher fora submetida, ao longo dos séculos, à negligência, aos estereótipos e a distorção dos próprios fatos históricos. Somente por meio do desenvolvimento da história social (Nova História) e do interesse crescente pelos acontecimentos locais e pela vida familiar e cotidiana das pessoas é que se procurou dar visibilidade às mulheres e à sua história, bem como às suas participações no contexto social como sujeitos de vontades, desejos e de projetos (CHAMON, 2005, p.58).

Outro trabalho do ano de 2015, em que é realizada uma pesquisa acerca da produção científica brasileira relacionada à temática Gênero no Ensino de Ciências e na formação de professores, ficou explícito o seguinte: *“[...] ao longo da última década houve uma preocupação com a elaboração de propostas pedagógicas voltadas para incorporação de discussões de Gênero na formação de professores de Ciências”* (T8, 2015, p. 5). Assim, a partir dessa pesquisa, constatou-se que os estudos relacionados ao gênero na educação científica e na formação de professores, são recentes no Brasil, contribuindo para a concepção de procedimentos que debatem as questões de gênero relacionadas a persistência das mulheres em trabalhos científicos e tecnológicos.

No ano de 2017 foram encontrados 7 trabalhos relacionados a essa categoria, sendo o ano que apresentou maior número de trabalhos sobre feminilidade e masculinidade. A invisibilidade da mulher estava presente em um trabalho em que os autores aplicaram um questionário aos alunos acerca da temática gênero, e como resultados, surgiram as seguintes manifestações: *“[...] as/os estudantes relatam situações em que meninas/mulheres são discriminadas e meninos/homens são privilegiados”* (T10, 2017, p. 8). Isso é reafirmado na seguinte manifestação dos alunos: *“Sim, infelizmente ainda existe esse preconceito favorecendo os homens. Mas acredito que com o tempo, essa questão irá mudar”* (p. 6).

A representação da mulher na sociedade apresentou diversos obstáculos para que ela pudesse ocupar espaços na sociedade. Por muito tempo a mulher foi tratada na família como submissa ao homem. Em casa com os pais, o pai era seu proprietário e no casamento esse papel era repassado ao marido. Assim, o homem acabou anulando o protagonismo da mulher na História, ocupando o seu lugar, o que fez com que por um longo período os homens fossem os historiadores, e assim, dificilmente as mulheres constituíam destaque na História, o que nos revela uma visão colonizada, de organização masculina que as escondia como sujeito, tornando-as invisíveis (COLLING, 2004).

Ao longo da história algumas mudanças foram surgindo, mas o padrão patriarcal ainda está presente. Segundo Scott (1995, p. 77) *“as teorias patriarcais têm dirigido sua atenção à subordinação das mulheres e encontrado a explicação dessa subordinação na necessidade masculina de dominar as mulheres”*. Atualmente isso pode ser evidenciado por meio das estatísticas que mostram os níveis de

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

violência doméstica envolvendo as mulheres por seus companheiros.

No trabalho T11, que realizou um estudo para investigar a concepção dos docentes acerca das mulheres na Ciência, ficou perceptível que é necessário que sejam abordados esses aspectos pelo professores durante as aulas de sua formação inicial, como é apresentado no seguinte excerto: *“Entretanto, as/os docentes precisam ter saberes teóricos e metodológicos que permitam abordar essas questões de maneira clara e efetiva, caso contrário, correm o risco de ensinarem noções equivocadas da Natureza da Ciência e das questões de gênero na Ciência”* (p. 9). Esse trabalho ressalta a importância da formação inicial e continuada para os professores acerca da temática gênero.

Porém, alguns trabalhos (T12, T13) argumentam que com o passar dos anos, as percepções de inferioridade e discriminação em relação às mulheres já estão se modificando, o que indicam que se apresenta uma preocupação quanto a isso e que com o passar dos anos as mulheres vem conquistando mais espaço. No T12, que foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca dos desafios e conquistas alcançadas pelas mulheres ao longo da história *“foi possível refletir sobre a história de algumas mulheres que trouxeram contribuições para a Ciência e Tecnologia. Observou-se que a mulher sempre teve um papel importante ao longo da história”* (p. 7).

Em T13 essa perspectiva também estava presente em uma pesquisa realizada sobre as concepções das meninas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, acerca de seu interesse sobre termos científicos, e foi constatado que *“mais da metade das meninas tem de médio a alto interesse por assuntos relacionados à Ciência”* (p.7).

O T14 teve como intuito realizar uma pesquisa com os professores de Ciências acerca de suas compreensões sobre as questões sociocientíficas de gênero, e ficou perceptível *“que os professores de ciências exploram uma diversidade de conhecimentos sobre assuntos políticos, sociais, científicos e pedagógicos que lhes permitam identificar suas naturalizações e as arma-dilhas ideológicas presentes em ambiente escolar”* (p. 8).

No T15 é abordado sobre a desigualdade de gênero, que foi realizada uma entrevista com professores de Ciências sobre o afastamento das mulheres na área científica, evidenciando-se por um dos professores o seguinte: *“quem continua na carreira científica e vai até lá em cima, ou é alguém que é realmente brilhante, ou alguém que não tem filhos, porque se dedica integralmente à carreira como um homem”* (p.8). Ainda é ressaltado nesse trabalho que embora com o passar dos anos aumentou significativamente o número de mulheres nas carreiras científicas, ainda elas são minorias nessas áreas.

A partir desse trabalho depreende-se que o mesmo apresenta uma concepção estereotipada acerca de características e ideias que determinam que as mulheres devem seguir certas carreiras na Ciências da Natureza, especialmente à oposição da “razão” e da “emoção”, individualidades destinadas para homens e mulheres, o que ocasionam interferência nos estereótipos que afastam as mulheres de âmbitos científicos, já que determinam o que é ser cientista a partir daquilo que é denominado como “natural”, e, assim, sustentam uma relação de poder existente na sociedade, e, por decorrência, nessas áreas (FÁVERO, 2010).

No T17 foi realizada a análise do filme Tomboy e as questões de gênero. É evidente, em relação a uma cena do filme, que a percepção de gênero se torna mais visível quando um dos personagens sugere o jogo *“verdade ou consequência”*. E então *“os meninos não aceitam e impõem um jogo que seja de menino, o futebol”* (p. 7). Esse filme permite ainda que seja discutido durante as aulas a identidade de gênero, que engloba a capacidade individual de sentir-se homem ou mulher, independente do sexo biológico determinado ao nascimento, e englobando um discernimento pessoal do corpo e demais manifestações de gênero, incluindo a vestimenta, modo de falar e gestualidade (LOURO, 2010).

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

O ano de 2019 apresentou 5 trabalhos sobre essa categoria. O T18 e T19 apresentou pesquisas com futuros professores de Biologia acerca de sua compreensão de identidade de gênero. No T18 ficou perceptível que a abordagem da identidade de gênero estava presente nesse trabalho, que foi explícito o seguinte: *“O gênero é como nos identificamos, homem ou mulher”* (p. 6). Cabe destacar que o gênero é constituído a partir de uma concepção social, cultural e histórica, influenciada por diversos fatores: religiosos, familiares, escolares, entre outros (LOURO, 2008).

Porém no T19, essa percepção já vem se alterando, em que os futuros professores en-trevistados, demonstram uma visão ampliada de identidade de gênero que é representada no seguinte excerto: *“A identidade de gênero para mim é a pessoa ser livre para escolher a iden-tidade que quiser (pan, bi, gay, lésbica) e acho que ser feliz com o seu próprio eu”* (p. 5).

No T20, que se propôs analisar as questões de gênero que permeiam os saberes discipli-nares em materiais didáticos do Ensino de Ciências, ficou perceptível o seguinte: *“Hoje há mais mulheres na Ciência, mas continuamos demarcando os espaços ocupados por elas. Nas escolas as meninas que se destacam em Matemática são esforçadas, enquanto os meninos na mesma situação são inteligentes”* (p. 6).

Pesquisas relacionadas à atuação das mulheres nas Ciências têm demonstrando o com-prometimento das mesmas em instituições científicas, especificando quem são as mulheres, quais são seus subsídios para as Ciências, e que seus esforços estão em prosseguimento (SCHIEBINGER, 2008). No Brasil, a atuação das mulheres na Ciência apresentou um aumen-to significativo com o passar dos anos, porém a diferença entre os papéis atribuídos entre ho-mens e mulheres ainda continua (GROSSI, et al., 2016). Assim, corrobora-se isso com Leta (2003) quando a autora relata que as possibilidades de sucesso e ascensão das mulheres na carreira científica são menores.

A categoria masculinidade e feminilidade também ficou evidente em T21 que consiste em uma análise de uma aula de Ciências a partir da temática gênero. Em uma aula do 1º ano no Ensino Fundamental uma professora levou três bichos-paus de diferentes tamanhos para a sala de aula. Os alunos estabeleceram *“noções de masculinidade e feminilidade naturalizadas pela norma foram mobilizadas para definição de sexo, por exemplo, que inseto comia mais e era mais forte, qual deles seria mais tranquilo ou mais nervoso, inquieto. Assim, as/os estudan-tes estavam negociando gênero para definir o sexo dos insetos”* (p.5). Além disso, foi defendido pelos alunos que somente os homens teriam coragem de tocar no inseto, colocando em cheque a masculinidade e a feminilidade, ao dizerem que: *“ser homem é ter coragem de tocar no inseto”* (p. 6).

De acordo com Butler (2003) a concepção de homem ou mulher não está relacionada à essência do interior, porém em decorrência da norma de gênero, à medida que rompe com o binômio sexo=natureza/gênero=cultura, uma vez que o sexo também é considerado cultural, no mesmo sentido que o gênero. Assim, o gênero seria *“o meio discursivo/cultural mediante o qual um ‘sexo natural’ é estabelecido como pré-discursivo”*, ou seja, a partir do gênero o sexo é construído como essência interior, algo dado, fixo. Todavia, o sexo é *“um construto que se faz no interior da linguagem e da cultura”* (LOURO, 2008, p. 66). Isso é mantido devido à pre-sença de dois sexos fixos, binário e antagônico- – macho e fêmea – e sua manutenção é ocasi-onado pela duplicação de seus gestos, atos, signos que anunciam a constituição dos corpos (masculinos e femininos) como nós os vivenciamos na atualidade (BUTLER, 2003).

O T28, aborda as contribuições das mulheres para as Ciências Naturais, evidenciando que: *“A representatividade das mulheres, a valorização da sua forma de conhecer o mundo e a liberdade de construir a identidade de gênero são igualmente importantes para fazer avançar projetos mais plurais e inclusivos, seja de educação, de ciência ou da sociedade em que esta-mos inseridas”* (p.5). Nessa mesma perspectiva o T29 também representa a importância das mulheres nas áreas das Ciências que demonstra que *“a presença das mulheres no ambiente acadêmico, científico e*

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

tecnológico vem crescendo ano após ano e derruba um preconceito arcaico de que a ciência é feita somente pelos homens” (p. 7).

Diante disso, percebe-se que houve vários avanços com o passar dos anos, porém mesmo assim ainda existem diversos obstáculos a serem superados. Corroborando-se isso com Chassot (2003) que indica que nas primeiras décadas do século XX a Ciência era considerada como impertinente para as mulheres, porém com o passar do tempo as mulheres vêm delimitando os espaços públicos. Além disso, a visão que se tinha da mulher estava relacionada a cuidar de seus filhos, o que acabou ocasionando um distanciamento de suas pesquisas (CHASSOT, 2003).

O gênero feminino era apresentado de uma maneira estereotipada, sendo concebidas estas as atividades da manutenção da vida e do lar, ocasionando, em certos casos, explicações deterministas e biológicas para justificar relações entre os gêneros (MARTINS; HOFFMAN, 2007; CASAGRANDE; CARVALHO, 2006).

Heterossexualidade e Homossexualidade: Formas de Vida

Segundo Diniz (2009), os padrões de normalidade em relação à sexualidade impostos pela sociedade conservadora acabam se restringindo à reprodução sexuada e à heterossexualidade como a única forma considerada como sadia e normal. Isso leva pessoas que não vivem de acordo com esses padrões a serem considerados como diferentes e, por isso, inferiorizadas, e ainda, discriminadas. Assim, a diversidade sexual, bem como a homossexualidade, acabam por ser negadas na sociedade que não considera a possibilidade das diferenças como formas legítimas de vida.

A heterossexualidade ainda é considerada como uma organização de padrões sociais acerca da experiência da sexualidade denominada como “natural” ou “normal”, e em contrapartida a homossexualidade é definida como algo “anormal” relacionado com o desejo entre pessoas do mesmo sexo (WEEKS, 2010).

De acordo com Louro (2010), a heterossexualidade é um padrão que determina o que é considerado normal, se contrapondo à homossexualidade e às expressões de feminilidades. Assim sendo, a heterossexualidade pode ser apresentada pela “ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou - mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2012, p.1).

Por muito tempo, a homossexualidade foi determinada como uma patologia, e até mesmo como uma perversão. Entretanto, deve-se compreender a concepção de homossexualidade como um termo que não define a realidade em si, porém alguma coisa que foi socialmente construída e descendente de um discurso moral da modernidade (SOUZA; PEREIRA, 2013). Segundo Foucault (1977) houve um projeto de iluminação de todos os aspectos do sexo que levou a sociedade a compreender a sexualidade segundo normativas e condutas adequadas que evitassem a homossexualidade.

Levando em consideração os trabalhos (11:29) que abordavam sobre a sexualidade, emergiu a categoria heterossexualidade e homossexualidade que prevaleceu nos trabalhos dos anos de 2019. No ano de 2013 essa categoria estava presente em 2 trabalhos. Em uma entre-vista com futuros professores de Ciências e Biologia, ficou evidente que no âmbito escolar, na maioria das vezes é representada uma única forma sadia e normal de sexualidade, afirmando a heterossexualidade, explícita em uma narrativa de um dos entrevistados “na época em que eu estudava, até o fim do Ensino Médio, eu não era popular entre os meninos. Tinha muitos amigos/as que eram bem populares, por isso vivenciava muitos os namorinhos deles por volta da 3ª série. [...] Houve um episódio em que um desses casais fizeram um encenação da música “O cravo e a Rosa” no pátio da escola que foi bem engraçado (T1, 2013, p. 5).

Diante disso, percebe-se que a música “O cravo e a Rosa” apresenta às crianças e encena a como um

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

padrão de normalidade, e ainda em peculiaridade a naturalidade. Assim, se distanciar desse modelo de normatividade significa procurar um desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2010), fazer diferente, pensar diferente e por isso, enfrentar preconceitos e discriminações.

Em outro trabalho do mesmo ano também relata e discute os resultados de uma entrevista, porém essa realizada com professores que já atuam na área, ficou perceptível que *“a escola reproduz e produz, semelhante a vários outros espaços, um discurso heteronormativo onde se ensina que a/o homossexual deve ser respeitada/respeitado como pessoa, mas que a forma como a/o mesma/mesmo vive a sua sexualidade é algo “diferente” e fora dos padrões normais”* (T2, 2013, p. 7).

As discussões acerca da homossexualidade estão relacionadas especialmente com o respeito à diversidade, a questão de aprovação e do assumir na maioria das vezes não são levadas em consideração. Porém, é relevante considerar que com o passar dos anos isso tem se modificado, pois não muito tempo atrás isso era ocultado da escola. Corrobora-se isso com a concepção de Louro (2004) ao dizer que:

Escolas, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexo, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora, as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. [...] Não há como ignorar as “novas práticas” os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido (LOURO, 2004, p. 28- 9).

Em 2015 foi encontrado 1 trabalho que apresentava essa categoria, ligado a relações de saber/poder que circulam na sociedade por meio de discursos que afirmam ou negam a homossexualidade e a heterossexualidade. Isso pode ser perceptível no seguinte trecho: *“Acreditamos que mesmo que a discussão da sexualidade do/a jovem esteja atrelada a fortes aparatos de saber/poder, e evidencia-se também o investimento docente em trazer para a escola, uma discussão que poderia ser adormecida no agitado fazer escolar”* (T4, 2015, p. 8).

Segundo Foucault (1977) a sexualidade funciona como dispositivo de poder, e está relacionado a como algumas áreas do saber foram firmando discursos sobre o sexo e construindo os saberes e dizeres que moldaram os pensamentos que guiaram a sexualidade, produzindo mesmo as sexualidades a uma determinada maneira, aplicando normas aos desejos e seus modos de expressão e classificando-os em termos de normal e anormal. Do ponto de vista de Foucault (1977), a própria ideia de sexualidade é discursiva e as sexualidades são construídas historicamente e discursivamente na sociedade em geral, pela família, pela igreja, pela escola, pela medicina, etc.

Em 2017 foram encontrados dois trabalhos (T9, T16) que abordavam a categoria heterossexualidade e homossexualidade. Em um trabalho do referido ano está relacionado aos debates que acerca da aprovação dos últimos Planos de Educação, mostra o seguinte: *“ao/a professor/a cabe compartilhar valores com relação à sexualidade, no seu trabalho cotidiano, respondendo ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos”* (T9, 2017. p. 7). Aqui se pode observar a responsabilização ao professor para educar os alunos para outras compreensões sobre a sexualidade, que não seja marcada por padrões e normalidades. Cabe destacar que o professor apresenta um papel relevante diante disso, em que este deve desenvolver maneiras de problematizá-la, promover diálogos e questionamentos no ambiente escolar, sendo relevante para o desenvolvimento humano.

Também observamos que nos dias de hoje, grande parte das escolas brasileiras abordam a sexualidade na disciplina de Ciências, porém, Vidal e Pessanha (2010) asseveram que:

A Educação Sexual não deveria se ater exclusivamente às informações científicas do comportamento biológico, mas também abordar a questão do afeto que dá significado à conduta sexual humana e também compreender seu conteúdo social, contribuindo para quebrar tabus e para proteger as

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

crianças e adolescentes contra doenças e abusos sexuais (VIDAL; PESSANHA, 2010, p. 3).

Já no T16 deste mesmo ano, que procura compreender de que maneira os comentários e as concepções sexistas podem formar nos alunos um pensamento sobre essa temática, foi possível perceber que *“O caráter discriminatório e sexista dos relatos é preocupante”* (p. 6). E ainda constatou-se durante a entrevista que *“existe uma relação de desigualdade de capacidades intelectuais entre homens e mulheres em que, os primeiros, seriam mais providos de faculdades intelectuais e cognitivas, além de habilidades práticas na realização de experimentos”* (p.60).

No ano de 2019, foram encontrados 6 trabalhos que abordavam a categoria heterossexualidade e homossexualidade. Dois trabalhos (T22, T23) abordam a sexualidade relacionada a aspectos biológicos. Em T22, relacionado a uma investigação sobre os limites e possibilidades dos professores de Ciências e de Biologia acerca da sexualidade ficou evidente que: *“diversas dificuldades em termos de formação desses professores para o tratamento da Educação Sexual, tais como falta de disciplinas específicas nos cursos superiores e o não tratamento dos aspectos psicossociais da sexualidade, restringindo-a um discurso anatomo-fisiológico”* (p. 5).

Um dos problemas da formação em Educação Sexual dos professores de Ciências e de Biologia, como evidenciado no excerto citado anteriormente, e também presente em inúmeras pesquisas, é o distanciamento de aspectos psicossociais acerca dessa temática em cursos superiores (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015). Nesse sentido, estabelece-se que a compreensão da Educação Sexual está apenas relacionada a concepções anatomofisiológicas. Porém abordar a Educação Sexual implica compreender que “[...] trabalhar educação sexual engloba tratar sob vários aspectos a sexualidade, sendo, portanto, que o docente não deve se restringir apenas à vertente da abordagem biológico-higienista [...] mas ele deve levar em consideração, as questões sociais e de direito, além das relações relacionadas aos valores éticos, morais e culturais” (OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017, p. 7).

No T23 é abordada uma pesquisa com licenciados do curso de Ciências da Natureza. Entre as respostas dos alunos, destacamos uma que evidencia a necessidade e o interesse dos alunos nos dias de hoje em discutir a sexualidade de forma mais aberta, pois eles declaram que *“uma abordagem da sexualidade pelo professor restrita à reprodução humana ou a transmissão de doenças é prejudicial, pois os estudantes estão ansiosos e curiosos por mais conhecimento, uma vez que esse tema faz parte da vivência diária deles”* (p. 5). Nesse sentido, durante as aulas sobre essa temática, o professor tem papel relevante, muito além de tirar dúvidas, porque as problemáticas da vida real dos alunos exige dos professores uma postura de escuta e diálogo sobre as questões propostas pelos estudantes, uma vez que pode auxiliar a discutir outros aspectos sobre a sexualidade (FIGUEIRÓ, 2009).

Porém, alguns trabalhos têm se preocupado em trazer uma percepção da sexualidade além da perspectiva biológica, e ainda, abordando as diferenças, como é o caso de um trabalho do ano de 2019 que declara seguinte: *“No ensino de sexualidade é de suma importância valorizar as relações humanas, o respeito mútuo”* (T24, 2019, p. 1). Em que indica que se tem apontando que um número relevante de professores tem se preocupado em desconstruir a heteronormatividade, e da precaução com as relações humanas e o respeito mútuo.

Além disso, três trabalhos (T25, T26, T27) relacionam a temática sexualidade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em T25 foi realizada uma análise das abordagens da BNCC, utilizando-se as categorias biológico/higienista e emancipatória, e constatou-se que *“a predominante é a emancipatória, que visa fornecer informações aos alunos para poderem tomar suas decisões, baseadas nas escolhas individuais, minimizando o coletivo”* (p. 9). A abordagem emancipatória é relevante, sendo que de acordo com Figueiró (2010), essa permite que seja levado em consideração o contexto vivenciado pelos alunos, possibilitando o entendimento de normas sexuais como a concepção social, além de contemplar o respeito à multiplicidade sexual e de gênero e para a

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

abrangência dos direitos sexuais e reprodutivos, permitindo a vivência da sexualidade com liberdade e responsabilidade.

O T26 analisa as contribuições da BNCC para a formação de professores acerca da temática sexualidade evidencia que: *“a formação de professores trazida pela BNCC é apenas pontual, não expondo quais deveriam ser as necessidades educacionais para estes profissionais, apenas que esta tarefa de formar professores deve ser realizada de forma condizente com outras políticas e ações educacionais”* (p. 3). Diante disso, é relevante que essa temática seja ilustrada nos documentos oficiais brasileiros, e abrangência da mesma nos conteúdos escolares.

Em T27 é enfatizado que a discussão da sexualidade é escassa na BNCC. Como é possível observar no seguinte excerto abordando que apesar de escassos os resultados indicam *“que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) retira essa discussão das competências dos anos iniciais, do Ensino Fundamental, os conteúdos referentes à Educação Sexual e à sexualidade, ainda, assim, possibilitam a abordagem dessa temática”* (p.1). Assim, reporta-se a importância da abordagem dessa temática no âmbito escolar, uma vez que estão articulados com temas muito debatidos na atualidade e que fazem parte da realidade dos alunos.

4 CONCLUSÃO

A partir da presente pesquisa é possível afirmar que com o passar dos anos houve um aumento nos trabalhos relacionados à sexualidade e gênero no ENPEC. Isso demonstra que o Ensino de Ciências tem uma preocupação com essa temática em relação ao currículo, de modo geral na escola, como também, na ação dos professores em sala de aula. Além disso, é relevante que essa temática seja provocada pelo Ensino de Ciências e abordada no âmbito escolar de maneira interdisciplinar em diversos conteúdos e disciplinas.

Os trabalhos analisados nesse estudo demonstram que os currículos escolares estão se desenvolvendo com relação a temática gênero e sexualidade, uma vez que esses assuntos são considerados também relevantes para a produção de um currículo aberto para as diferenças e em discutir problemáticas presentes na sociedade relacionadas à vida social e cultural dos alunos.

Com relação à feminilidade e à masculinidade, essa categoria nos alerta a repensar como a invisibilidade feminina ainda é evidenciada nos dias atuais na sociedade. Embora tenha ocorrido várias mudanças acerca disso, essa percepção ainda está muito presente, assim sendo, seria relevante que as temáticas fossem abordadas com maior frequência nas escolas para desconstruir essa visão estereotipada que por vários anos têm sido evidenciada. A heterossexualidade e homossexualidade tem nos demonstrando como o padrão da normalidade afeta os sujeitos e os que não seguem esse padrão acabam sendo inferiorizados.

Acrescenta-se também a importância de os professores receberem uma formação inicial e continuada acerca dessas temáticas, para que assim, possam desenvolver o conhecimento escolar de forma ampla, abrangendo os aspectos sociais e culturais que envolvem tanto a sexualidade, quanto a questão de gênero. Sexualidade e gênero são conhecimentos imprescindíveis a serem tratados pela escola, pois atualmente a sociedade enfrenta muitos problemas relacionados a essas questões, que se estas fossem discutidas nas escolas poderíamos melhorar o convívio das pessoas com os outros e consigo mesmas. A escola tem o papel e a responsabilidade de ampliar as abordagens relacionadas à diversidade humana, especialmente as que trazem interrogações sobre gênero e sexualidade, o que exige uma melhor preparação dos professores, pois muitas vezes os currículos acadêmicos não contemplam esses estudos.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

de professores. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, 2011.
BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Temas transversais (quinta a oitava séries). Brasília: MEC/SEF, 1998 b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Documento homologado. Brasília: MEC, 2017b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 21 julho de 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CASAGRANDE, L. S.; CARVALHO, M. G. Educando as novas gerações: Representações de gênero nos livros didáticos de Matemática. In: 29ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Caxambu. **Atas ANPEd**, 2006.

CHASSOT, A. **A Ciência é masculina? É, sim senhora!...**São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

CHAMON, M. **Trajetória de feminização do magistério:** Ambiguidades e conflitos. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: **Gênero e Cultura:** Questões Contemporâneas. Org.: STREY, M.; CABEDA, S.; PREHN, D. Porto Alegre: ED-PUCRS, 2004.

DIAS, Z. B.; **Ensino de ciências naturais, livros didáticos e imagens:** investigando representações de gênero. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

DINIZ, S.G. Gênero, saúde materna e o paradoxo perinatal. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.19, n.2, 2009.

DINIZ, B.L.R.; CIRINO, M.M.; HEREDERO, E.S. Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária de Guadalajara-ra (Espanha). In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 10, 2015, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2015.

HEIDARI, S. et al.; Equidade de sexo e gênero na pesquisa: fundamentação das diretrizes SAGER e uso recomendado. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, 26(3), jul-set 2017.

FÁVERO, M. H. **Psicologia do gênero:** Psicobiografia, Sociocultura e Transformações. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual:** Como ensinar no espaço da Escola. In: Educação Sexual: Múltiplos Temas, Compromissos Comuns. Mary Neide Damico Figueiró (org.). Lon-drina, 2009.

FOCAULT, M. História da sexualidade I: A vontade saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977

GROSSI, M. G. R. et al. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Revista Estudos Feministas**. 24,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

2016.

LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, 17, 2003.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n.2, 2000.

LOURO, G. L. **Currículo, Gênero e sexualidade**. Porto- Portugal: Porto Editora, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: **O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**, In: Louro, Guacira Lopes (Org.); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2001.

MARTINS, E. de F.; HOFFMAN, Z. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v.9, n.1, 2007.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

OKA, M.; LAURENTI, C. Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.27, n.1, 2018.

OLIVEIRA, A.P.S.; BARBOSA, M.G.; OLIVEIRA, M.C.A. A configuração curricular para educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. In: Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino de Ciências, 3, 2017, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: CONAPESC, 2017.

ROHDEN, F.. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, n. 20, n. 2, 1995.

SCHIEBINGER, L. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.15, suplemento, jun. 2008.

SOARES, Ana C. C. Feminilidade/feminino. In: COLLING, Ana M.; TEDESCHI, Losandro A. (orgs). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

SOUZA, E. M; PEREIRA, S. J. N. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Revista de Administração Mackenzie**, vol.14 n. 4 São Paulo jul./ago. 2013.

VIDAL, L.; PESSANHA, E. A sexualidade no livro didático de ciências da 4ª série do ensino fundamental: uma análise necessária. In: I Seminário de Pedagogia; IV Encontro de Educação Infantil; II Jornada de Cognição e Aprendizagem, 2010, Irati. **Anais [...]**. Irati: Unicentro - Universidade Estadual do Centro-Ceste. 2010.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.), **O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**, Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Parecer CEUA: Protocolo nº 2260474